

Kristen Ciccarelli

A CAÇADORA DE Dragões

ISKARI
vol.1

Tradução

ERIC NOVELLO

S E G U I N T E

O selo jovem da Companhia das Letras

Copyright © 2017 by Kristen Ciccarelli

Todos os direitos reservados. Publicado mediante acordo com Lennart Sane Agency AB.

O selo Seguinte pertence à Editora Schwarcz S.A.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

TÍTULO ORIGINAL The Last Namsara

CAPA, ILUSTRAÇÕES DE CAPA E MIOLO kakofonia.com

PREPARAÇÃO Lígia Azevedo

REVISÃO Renato Potenza Rodrigues e Érica Borges Correa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Ciccarelli, Kristen

A caçadora de dragões / Kristen Ciccarelli ; tradução
Eric Novello. — 1ª ed. — São Paulo : Seguinte, 2018.

Título original: The Last Namsara.

ISBN 978-85-5534-052-9

1. Ficção canadense 2. Ficção fantástica I. Título.
II. Série

18-13106

CDD-813

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura canadense em inglês 813

[2018]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

www.seguinte.com.br

contato@seguinte.com.br



/editoraseguinte



@editoraseguinte



Editora Seguinte



editoraseguinte



editoraseguinteoficial

*Para Joe,
companheiro amado e campeão de todos os meus sonhos*

Um



ASHA ATRAIU O DRAGÃO COM UMA HISTÓRIA.

Era uma história antiga, mais antiga do que as montanhas às suas costas. Asha precisou extraí-la de seu interior, onde estava guardada, adormecida.

Ela odiava fazer aquilo. Contar tais histórias era proibido, perigoso e até mesmo mortal. Mas, depois de perseguir o dragão através das pradarias rochosas por dez dias, seus caçadores estavam sem comida. Asha precisava escolher entre voltar para a cidade sem um dragão ou violar a lei de seu pai que tornava os antigos contos proibidos.

Asha nunca tinha voltado sem matar um dragão, e não pretendia começar agora. Afinal, ela era a iskari, e tinha metas para atingir.

Então contou a história.

Em segredo.

Enquanto seus caçadores achavam que ela estava afiando seu machado.

O dragão veio, deslizando pelo limo vermelho e dourado como a criatura traiçoeira que era. A areia caía em cascata por seu corpo e brilhava como água, revelando escamas de um cinza sem graça da mesma cor da montanha.

Três vezes maior que um cavalo, ele se agigantou sobre Asha, fixando o olhar fendido na garota que o atraía até ali, chicoteando seu rabo bifurcado.

Asha assoviou para os caçadores se protegerem com seus escudos, depois acenou para os arqueiros. O dragão havia passado a noite enterrado na areia fria do deserto. O sol tinha acabado de nascer, de modo que sua temperatura corporal não estava alta o bastante para que conseguisse voar.

Ele estava preso ao solo — e um dragão preso lutava com toda a sua força.

Asha firmou a mão esquerda em um escudo oblongo e levou a direita ao machado no quadril. A grama áspera arranhou seus joelhos enquanto o dragão a circundava, esperando que baixasse a guarda.

Foi o primeiro erro que ele cometeu. Asha *nunca* baixava a guarda.

O segundo foi cuspir fogo.

Asha tinha perdido o medo do fogo depois que o primeiro dragão deixara uma cicatriz profunda no lado direito de seu corpo. Agora, uma armadura à prova de chamas, feita com o couro de todos os dragões que já havia matado, a cobria da cabeça aos pés. O couro curtido sobre sua pele e o elmo favorito, com chifres negros, que imitava a cabeça de um dragão, a protegiam.

Ela manteve o escudo erguido até a labareda se extinguir.

O fôlego do dragão acabou. Asha largou o escudo. Ela tinha apenas uma centena de batidas de coração antes que o ácido fosse repostos nos pulmões da criatura, permitindo que expelisse fogo novamente. Precisava matá-lo antes.

Asha pegou o machado. A borda curva de ferro refletiu o brilho do sol da manhã. Sob seus dedos cheios de cicatrizes, o cabo de madeira estava gasto, permitindo um encaixe confortável.

O dragão sibilou.

Asha estreitou os olhos. *Chegou a sua hora.*

Antes que ele pudesse avançar, ela mirou e arremessou o ma-

chado direto em seu coração. A arma afundou na carne, e o dragão rugiu. Ele se debateu e sacudiu enquanto sangue esguichava na areia. Então fixou seus olhos furiosos em Asha, rangendo os dentes.

Alguém parou ao lado dela, tirando sua concentração. Asha virou e viu sua prima Safire enfiando uma alabarda na areia. Safire olhava para o dragão. Seu cabelo escuro ia até o queixo, deixando expostas as maçãs do rosto oblíquas e vigorosas e a sombra de um machucado na mandíbula.

— Falei para ficar atrás dos escudos — Asha grunhiu. — Cadê seu elmo?

— Não dá pra ver nada com ele. Deixei com os caçadores.

Asha tinha feito o equipamento de couro curtido de Safire às pressas. A garota também usava as luvas à prova de fogo da prima, que não teve tempo de confeccionar um novo par.

O dragão ensanguentado se arrastou pela areia, tentando alcançar Asha. Suas escamas abriam um buraco por onde passava. Sua respiração parecia um chiado.

Asha pegou a alabarda. Quanto tempo havia se passado desde a última baforada de fogo? Ela não sabia mais.

— Vá para trás dos escudos, Saf.

A prima não se moveu. Só encarou hipnotizada o dragão moribundo, cujos batimentos desaceleravam.

Tum-tum.

Tum-tum.

O som de rastejo parou.

O dragão inclinou a cabeça para trás e soltou um grunhido de ódio. Um segundo antes de seu coração parar de bater, chamas subiram por sua garganta.

Asha parou na frente da prima.

— Abaixei!

Sua mão desprotegida ainda estava esticada. Exposta. O fogo a envolveu, queimando a pele. Asha engoliu o grito de dor.

Quando o dragão desabou, ela viu Safire de joelhos na areia, sã e salva. Protegida das chamas.

Asha deixou escapar um suspiro trêmulo.

Safire viu a mão da prima.

— Você se queimou.

Asha tirou o elmo e ergueu a mão diante do rosto. A pele carbonizada borbulhava. Ardia, brilhante e quente.

O pânico a percorreu. Ela não era queimada por um dragão havia oito anos.

Asha examinou seus caçadores, baixando os escudos. Eles não usavam armadura, apenas ferro — ferro nas flechas, alabardas e lanças, ferro nas coleiras em seus pescoços, que marcavam sua condição de escravos. Todos olhavam atentos para o dragão. Não sabiam que a iskari havia sido queimada.

Ótimo. Quanto menos testemunhas melhor.

— Fogo de dragão é tóxico, Asha. Você precisa cuidar disso.

Ela assentiu. Só que não tinha suprimentos para tanto. Eles não costumavam ser necessários.

Para disfarçar, ela foi pegar sua bolsa. Atrás dela, Safire disse em uma voz muito baixa:

— Pensei que eles não soprassem mais fogo.

Asha congelou.

Não sem histórias, ela pensou.

Safire ficou de pé e largou a armadura de couro. Seus olhos evitaram Asha quando perguntou:

— Por que começaram agora?

Asha desejou ter deixado a prima para trás.

Mas se tivesse feito isso não haveria somente os resquícios de um ferimento em sua mandíbula. Haveria algo muito pior.

Asha tinha encontrado Safire cercada por soldados em seu próprio aposento dois dias antes de ser enviada para aquela caçada. Como eles conseguiram entrar sem uma chave, não tinha como saber.

A chegada da iskari os assustou e dispersou. Mas e se acontecesse de novo? Asha iria passar dias caçando, e seu irmão Dax ainda estava na savana, negociando a paz com o comandante Jarek. Não havia ninguém para ficar de olho em sua prima com sangue skral. Então Asha resolveu levar Safire consigo. Porque, se existia algo pior do que voltar para casa de mãos vazias, era voltar e encontrar a prima na enfermaria.

O silêncio de Asha não dissuadiu Safire.

— Lembra quando você partia ao amanhecer e antes do jantar já tinha derrubado um dragão? O que mudou de lá pra cá?

A dor abrasadora das bolhas se formando na pele deixou Asha tonta. Ela lutou para se manter focada.

— Talvez as coisas fossem mais fáceis naquela época — ela disse, assoviando para os caçadores e sinalizando para começarem o desmembramento. — Ou talvez eu só prefira um desafio.

A verdade era que o número de dragões vinha diminuindo ao longo dos anos, e estava ficando cada vez mais difícil levar cabeças para seu pai. Por isso Asha andava contando as antigas histórias em segredo, com o intuito de atraí-los. Nenhum dragão resistia a uma história sendo contada; eram como as joias para os homens.

Mas atrair os dragões não era o único efeito que as histórias causavam: elas também os deixavam mais fortes.

Por isso o fogo.

Onde as histórias antigas eram contadas, havia dragões; onde havia dragões, havia destruição, traição — e fogo, principalmente. Asha sabia disso melhor do que ninguém. A prova estava bem ali.

Safire soltou um suspiro e desistiu.

— Vá tratar essa queimadura — ela disse, deixando a alabarda enfiada na areia e já andando na direção da criatura gigantesca. Enquanto os escravos avançavam sobre o dragão, Safire deu uma volta completa em torno do corpo para avaliá-lo. O tom acinzentado das escamas era perfeito para a camuflagem, e seus chifres e sua crista de marfim permaneciam intactos.

Asha tentou flexionar os dedos queimados. A dor aguda a fez morder os lábios com força, transformando as terras baixas em uma paisagem borrada de areia vermelha, grama amarela e pedra cinza. Estavam na fronteira: nem no deserto plano que ficava a oeste nem nas montanhas escuras e íngremes a leste.

— É lindo — Safire gritou de onde estava.

Asha se esforçou para se concentrar na prima, que começava a se tornar um borrão, com todo o resto. Ela sacudiu a cabeça, tentando clarear a vista. Não funcionou, então se segurou na alabarda de Safire.

— Seu pai vai ficar muito feliz.

A voz da prima soava distante e abafada.

Se meu pai soubesse a verdade, Asha pensou, amargurada.

Ela queria que a paisagem parasse de girar à sua volta. Segurou a alabarda com mais força, tentando se concentrar na prima.

Safire navegava por entre os escravos, cujas facas brilhavam. Asha a ouviu pegar o machado fincado na criatura. Ouviu a prima apoiar o salto da bota no couro cheio de escamas do dragão. Ouviu quando ela arrancou a arma, espalhando sangue espesso e grudento pela areia.

Mas já não conseguia mais vê-la.

O mundo inteiro tinha ficado branco, impreciso.

— Asha? Você está bem?

Asha apoiou a testa no aço da alabarda. Os dedos de sua outra mão se curvaram como garras em volta dela enquanto lutava para controlar a tontura.

Eu devia ter mais tempo.

Ela ouviu passos apressados na areia.

— Asha, qual é o problema?

O chão pareceu inclinar. Sem pensar, buscou a prima de sangue skral. Aquela que, segundo a lei, não tinha permissão para tocá-la.

Safire respirou fundo e recuou, saindo de seu alcance. Asha lutou para recuperar o equilíbrio, mas afundou na areia.

Quando o olhar de Safire desviou para os caçadores, apesar de Asha saber que era o julgamento deles que a prima temia, e não ela, aquilo doeu. Nunca deixava de doer.

Mas escravos falavam. Safire sabia disso melhor do que ninguém — seus pais haviam sido traídos por eles. E, naquele momento, elas estavam cercadas de escravos. Escravos que sabiam que Safire não tinha autorização para encostar em Asha ou sequer olhá-la nos olhos. Não com sangue skral correndo em suas veias.

— Asha...

De repente, o mundo voltou ao lugar. Asha piscou. Estava ajoelhada na areia. O brilho vermelho contra o céu turquesa coloria o horizonte. E o dragão derrotado permanecia à sua frente, cinza e morto.

Safire se agachou diante dela. Perto demais.

— Não faça isso. Estou bem — Asha disse, soando mais ríspida do que pretendia.

Ela levantou, mordendo os lábios ao sentir a dor escaldante na mão. Não era possível que as toxinas tivessem agido tão rápido. Devia estar desidratada. Só precisava de água.

— Você nem devia estar aqui — Safire falou, preocupada. — Só faltam sete dias. Deveria estar se preparando para a união, e não fugindo dela.

Os passos de Asha vacilaram. Apesar da mão ardendo e do sol que nascia, um arrepio percorreu seu corpo.

— Não estou fugindo de nada — ela disse, encarando o manto verde ao longe. A fenda. A liberdade.

O silêncio recaiu sobre elas, interrompido somente pelo som dos escravos afiando as facas. Safire parou atrás dela.

— Ouvi dizer que corações de dragão estão na moda. — Asha podia ouvir o sorriso cuidadoso na voz da prima. — São ótimos presentes de noivado.

Ela torceu o nariz só de pensar. Abaixou junto à sua mochila de caça, feita de couro endurecido de pele de dragão, e tirou seu odre de dentro dela.

— A lua vermelha vai minguar daqui a sete dias, Asha. Já pensou em qual vai ser seu presente?

Asha levantou para dar uma bronca na prima, mas o mundo voltou a girar. Ela o manteve no lugar por pura força de vontade.

É claro que havia pensado naquilo. Toda vez que olhava para a terrível lua, sempre um pouco mais fina do que no dia anterior, ela pensava no presente, no casamento, no jovem que em breve chamaria de *marido*.

A palavra era como uma pedra dentro dela. Pensar nela ajudou Asha a ajustar seu foco.

Safire sorria de leve, com os olhos voltados na direção das colinas.

— Olha só, tem presente melhor que um coração sangrento de dragão para um homem que nem coração tem?

Asha balançou a cabeça, mas o sorriso da prima era contagiante.

— Por que você precisa ser tão desagradável?

Uma nuvem de areia vermelha subia ao longe, sobre o ombro de Safire, vinda da direção da cidade.

A princípio Asha pensou que fosse uma tempestade de areia. Estava prestes a gritar uma ordem quando se deu conta de que estavam cercados por rochas, e não pelo deserto. Asha apertou os

olhos para enxergar mais longe e distinguiu dois cavalos se aproximando. Um deles levava um homem encoberto por um manto, o tecido voando com o movimento do animal. Ele tinha uma coleira dourada presa em seu pescoço, que brilhava à luz do sol — um sinal de que era um dos escravos do palácio.

Asha escondeu a mão queimada atrás das costas.

Quando a poeira assentou, ela viu o velho escravo diminuindo a velocidade de sua égua. Seu cabelo grisalho estava molhado de suor. Ele apertou os olhos sob a luz pulsante do sol.

— *Iskari* — ele disse, sem fôlego. Ele se concentrou na crina agitada da égua, evitando os olhos de Asha. — Seu pai deseja vê-la.

Asha cerrou o punho atrás das costas.

— Ele não podia escolher uma hora melhor. Vou entregar essa cabeça de dragão a ele hoje à noite.

O velho sacudiu a cabeça, com o olhar ainda centrado na égua.

— Você deve retornar imediatamente ao palácio.

Asha franziu a testa. O rei-dragão nunca interrompia suas caçadas.

Ela olhou para a outra égua que tinha chegado sem cavaleiro e reconheceu Oleander, sua montaria. Seus pelos castanho-avermelhados brilhavam de suor e uma mancha de areia vermelha cobria a estrela branca em sua testa. Oleander balançou a cabeça diante de sua dona.

— Posso cuidar das coisas aqui — disse Safire. Asha virou para ela, que não ousou encará-la diretamente. Não sob o olhar atento do escravo real. — Te vejo em casa. — Safire soltou as tiras de couro das luvas emprestadas. — Você não devia ter me dado isso. — Ela as entregou a Asha. — Agora vá.

Ignorando a dor e a pele em carne viva e cheia de bolhas, Asha vestiu as luvas para que o escravo de seu pai não visse sua mão queimada. Ela deu as costas para Safire, pegou as rédeas de Oleander e

montou. O animal se inquietou embaixo dela, começando a galopar quando Asha a acertou de leve com os calcanhares.

— Vou guardar o coração pra você — Safire gritou, enquanto Asha acelerava na direção da cidade, levantando redemoinhos de areia vermelha. — Caso mude de ideia!



No começo...

O Antigo se sentia solitário. Então, para ter companhia, criou dois seres. O primeiro foi formado a partir do céu e do espírito, e recebeu o nome de Namsara. Era um menino de ouro. Quando ria, estrelas brilhavam em seus olhos. Quando dançava, guerras chegavam ao fim. Quando cantava, doenças eram curadas. Sua presença por si só era o bastante para unir o mundo.

O Antigo criou o segundo ser com sangue e luar, e lhe deu o nome de Iskari. Era uma menina triste. Aonde Namsara levava risadas e amor, Iskari levava destruição e morte. Quando Iskari aparecia, as pessoas se escondiam em suas casas. Quando falava, todos choravam. Quando ela caçava, nunca errava o alvo.

Infeliz com a própria natureza, Iskari foi atrás do Antigo e pediu que a refizesse. Odiava sua essência; desejava ser mais parecida com Namsara. Quando o Antigo se recusou, ela perguntou o motivo. Por que cabia a seu irmão criar coisas e a ela destruí-las?

— O mundo precisa de equilíbrio — respondeu o Antigo.

Iskari deixou o deus supremo e foi caçar furiosa. Fez isso por dias. Semanas. A fúria aumentava e sua sede de sangue se tornava cada vez mais insaciável. Ela matou sem piedade nem ternura, sentindo seu ódio se intensificar. Odiava o irmão por ser feliz e amado. Odiava o Antigo por ter feito as coisas daquela maneira.

Então, quando saiu para caçar num certo dia, Iskari decidiu montar armadilhas para o próprio Antigo.